

# O Teatro Lethes (\*)

(Apontamento histórico)

J. C. Vilhena Mesquita

(...) O Teatro Lethes foi erigido na intenção de se assumir como verdadeiro templo da cultura farense. (...) Convirá esboçar a traços largos a sua história.

(...) O edifício começou por ser um Colégio de Jesuítas, fundado pelo então Bispo do Algarve D. Fernando Martins Mascarenhas (...).

Terá sido o Bispo D. João de Mello e Castro o primeiro prelado a interessar-se pelo assunto, constando até que em 1551, nas vésperas da sua partida para o Concílio de Trento, deixara praticamente concluídas as obras de um Colégio de Jesuítas, que só não tiveram prosseguimento pela falta de professores qualificados.

(...) As Câmaras de Lagos e Faro disputavam entre si a primazia do Colégio.

(...) Não querendo ser ultrapassada, a Câmara de Faro e o Compromisso Marítimo (...), enviaram no dia 17 de Dezembro de 1587 os seus requerimentos ao Padre Geral, nos quais deixavam transparecer as razões que assistiam à nova sede do bispado para nela se fundar um Colégio da Companhia.

(...) A avidez do ensino era (...) evidente, inclusivamente no seio dos mareantes - cujos descendentes se encontrariam totalmente desprovidos de qualquer tipo de educação - que ofereciam para o futuro sustento do Colégio uma parte dos rendimentos obtidos com a pesca das armações do atum.

(...) Apesar das insistentes súplicas das autoridades civis e eclesiásticas do Algarve, a Companhia de Jesus só conseguiu satisfazê-las doze anos depois.

(...) Da cadeira episcopal de Faro tomou posse a 3 de Janeiro de 1594 D. Fernando Martins Mascarenhas (...) que era desde os seus estudos preparatórios um discípulo da Companhia de Jesus.

(...) Por isso, não admira que como adepto da Companhia aproveitasse as iniciativas dos seus antecessores e, por outro lado, beneficiasse do elevado conceito em que era tido pelo rei Filipe I para concretizar a fundação do Colégio de Santiago Maior de Faro (...).

(...) O edifício destinado ao Colégio que é o mesmo que ainda hoje se reconhece, foi vítima no ano de 1596 da cobiça das tropas inglesas que lançaram fogo à cidade (...), deixando o imóvel em ruínas. As obras de recuperação foram rápidas e em 26 de Setembro de 1599 instalavam-se os primeiros religiosos, seis Jesuítas (...), que tinham como superior o Padre Nuno de Mascarenhas, irmão do Bispo do Algarve. (...)

(...) Desconheço a identidade dos primeiros mestres e alunos do Colégio (...), porém julgo que o investigador farense, José António Pinheiro e Rosa na sua obra *A Catedral do Algarve e o seu*

*Cabido* (2 vols. Faro, separata dos *Anais do Município de Faro* n.ºs XIII e XIV, 1983-1984) e no trabalho *Faro Cidade Universitária*, elabora uma lista das dignidades clericais e dos doutores que neste reino exerceram o seu múnus eclesiástico (...)

(...) As críticas ao ensino jesuítico em Portugal sucediam-se com especial ressonância nos meios intelectuais (...). Por outro lado, grande parte da «inteligência estrangeirada» discordava veementemente do monopolismo educativo dos jesuítas. Com o despotismo pombalino, os padres da Companhia foram implicados no célebre Processo dos Távoras (...)

(...) Em 1773, com a extinção da Companhia de Jesus (...), ficava o imóvel do velho colégio de Faro à mercê dos designios da Coroa, mais propriamente da Casa das Rainhas, cuja administração o Marquês de Pombal integrou no Erário Régio em 1769. Por volta de 1779, foi o imóvel do Colégio jesuíta entregue aos Padres Marianos ou Carmelitas Calçados, que na cidade de Faro possuíam já um hospício (...)

Mas também a sorte não os favoreceu, pois que durante a ocupação das tropas napoleónicas comandadas pelo General Junot, sujeitaram-se às ordens e designios dos franceses que devassaram e profanaram as instalações do antigo Colégio para aí alojarem os seus soldados e, inclusivamente, aprisionarem alguns exaltados patriotas. Mas a revolta dos olhanenses (...), permitiu que se quebrassem as grilhetas impostas pelo invasor. Os anos que se seguiram ficaram marcados por conturbadas lutas políticas ao ponto de suscitarem uma violenta guerra civil, que nesta província assumiu particular relevância.

(...) A bela igreja do Colégio viu-se então espoliada das suas alfaias (...), sendo estas distribuídas pelos restantes templos da cidade.

(...) Com a repartição da herança jesuíta de Faro parecia assim um lugar sagrado, para que do mesmo chão ressuscitasse um profano votado à Arte de Talma.

Em 1843 foi o Colégio arrematado em hasta pública pelo Dr. Lázaro Doglioni, cifrando-se a transacção em cerca de 3.500\$00 réis, verba bastante significativa para a época. Nessa altura era já pública a sua intenção de construir, em Faro, um teatro.

(...) A este ilustre médico prende-se a Família Cúmmano, considerada no Algarve como uma das mais notáveis do século transacto (...) Uma das irmãs do Dr. Lázaro Doglioni, Antónia Maria Doglioni, fora pedida em casamento na Itália pelo



Dr. Gianpaulo Cúmmano, então director do Hospital de Trieste. (...) Anos mais tarde, como o Dr. Lázaro Doglioni não teve descendentes chamou para sua companhia o sobrinho, o Dr. Justino Cúmmano (nascido em Veneza em 1818 e que quando veio para Faro tinha apenas 22 anos), facultativo de reconhecido mérito que nesta cidade prestou relevantes serviços nos domínios da saúde, da arte, da cultura e benemerência pública.

(...) O Dr. Lázaro Doglioni tornou-se numa das figuras de proa da sociedade farense, contribuindo várias vezes para o desenvolvimento da própria cidade.

(...) Das amizades do Dr. Lázaro Doglioni, conta-se entre as mais distintas a do Bispo D. Francisco Gomes de Avelar. (...) A pedido daquele prelado, mandou o Dr. Doglioni transportar de Itália a magnífica estátua de São Tomás de Aquino, que ainda hoje se encontra sobreposta ao Arco da Vila.

(...) O Dr. Lázaro Doglioni naturalizou-se português, exerceu cargos públicos e foi pessoa muito conceituada no meio farense.

(...) Eram conhecidas as suas posições afectas ao partido constitucionalista.

(...) O Dr. Doglioni faleceu a 7-11-1858.

(...) Adquirindo o Colégio, iniciaram-se as obras de restauro em 1843. (...) A Capela do antigo Colégio transformou-se na sala de espectáculos. No lugar do altar-mor ficava a «Sala Verde» do Teatro e no coro da Igreja, que se situava junto à frontaria, ergueu-se o respectivo palco. Quando desmancharam a Capela encontraram incrustada na parede uma arca contendo o esqueleto de um oficial francês, ainda com os galões do seu uniforme, o que prova a ocupação do edifício pelas tropas napoleónicas.

(...) A inauguração do teatro efectuou-se a 4-4-1845, por ser a data do aniversário da Rainha



D. Maria II (...), pela declamação de uma extensa poesia da autoria de Marçal Henrique de Azevedo e Silva Lobo de Aboim, que por não poder estar presente foi recitada por João Veloso Pessanha Cabral, «em voz tal que não foi bem recebido». Abriu-se o pano com a peça *O Almorsor Aben-Afan, Ultimo rei do Algarve*, da autoria do 2.<sup>o</sup> Visconde de Gouveia, José Freire de Serpa Pimentel (...). Também na mesma noite se apresentaria a farsa, traduzida do francês. *O Urso e o Pachá*. Na época a sala do Teatro Lethes possuía apenas a plateia e duas galerias de camarotes. Só mais tarde, durante a gerência do Dr. Justino Cúmano é que o teatro seria alvo de melhoramentos, através da construção de uma caixa de ressonância abobadada, segundo o modelo de S. Carlos, com esplêndidos azulejos neo-islâmicos, ampliando-se a plateia para 215 espectadores, aumentando-se de duas para quatro ordens de camarotes repartidas por 51 compartimentos com seis lugares cada, e uma varanda com capacidade para 100 pessoas.

(...) A época áurea do teatro decorre entre 1860 e 1 de Julho de 1882, ou seja após a morte do seu fundador e o início da doença que haveria de vitimar o Dr. Justino Cúmano em 1885. Foram, portanto, vinte anos de verdadeiro fomento cultural durante os quais o Teatro Lethes se alcançou a um nível a todos os títulos invejável, para isso contribuindo, logicamente, os meios de fortuna da Família Cúmano (...). A cadência dos espectáculos foi sempre quinzenal e no Lethes foram representados pelos amadores locais, com assinalável êxito, várias peças que ficaram na memória do tempo (...).

Saliente-se que no palco do Lethes trabalharam vários artistas amadores e profissionais, lembrando que aqui se estreou a Teresa Aço (natural de Silves), que viria a sagrar-se como uma das maiores atrizes de opereta em Portugal.

(...) Para aligeirar responsabilidades e salvar os interesses culturais dos amadores do Lethes, resolveu o Dr. Justino Cúmano fundar a 20 de Janeiro de 1872 a Sociedade Teatral de Faro em cujos Estatutos se deixou explícito que: «Esta associação denomina-se Sociedade Teatral de Faro e compõem-se das pessoas, ligadas pelos presentes estatutos que se propõem a promover para si e suas famílias honesta e decente recreação por meio de representações Scénicas e qualquer outros divertimentos que tendam para o mesmo fim (...)

(...) A Sociedade Teatral de Faro não era mais do que a própria Companhia de Lethes, que a partir daqui passou a reger-se por um regulamento particular e específico.

(...) Após o falecimento do Dr. Justino Cúmano, ocorrido em 31-3-1855, a ostentação dos espectáculos decaiu um pouco.

(...) A responsabilidade da direcção do teatro recaiu, a partir de então, nas mãos do seu cunhado, Francisco Constantino Pereira de Matos.

(...) A 11-9-1898 exhibia-se pela primeira vez

em Faro o chamado animatógrafo, tendo-se então instalado no Teatro Lethes por ser o mais amplo e distinto espaço cultural da cidade. A nata da burguesia farense encheu a sala para apreciar o novo invento. (...) O aparelho que a esta província veio trazer a novidade da 7.<sup>a</sup> arte, pertencia ao real Coliseu de Lisboa e ao que parece causou grande espanto e admiração nos algarvios. Em breve se generalizava a curiosidade do animatógrafo, a cujos espectáculos acorriam cidadãos de todas as classes, especialmente pelo baixo preço dos ingressos e pela simplicidade das imagens animadas (...) - O animatógrafo simbolizava o progresso e depressa se tornaria num chorudo negócio. Construíram-se, então, novas casas de espectáculos especialmente vocacionadas para as exhibições cinematográficas.

(...) Apesar de tudo o Teatro Lethes resistiu estoicamente à voracidade da moda, alicerçado desde a primeira hora no mecenato da burguesia cidadina, que canalizava as receitas dos espectáculos para a Sociedade Teatral de Faro e, inclusivamente, para os cofres do Hospital da Misericórdia (...).

Em 1901, devido ao falecimento de Francisco Constantino Freire Pereira de Matos, voltou o teatro à posse de D. Maria Victória Matos Cúmano, viúva do Dr. Justino Cúmano (...). O teatro reabriu, estava esplendoroso, possuía uma acústica perfeita, confortável plateia, quatro ordens de camarotes, com varandins de ferro forjado, tectos pintados representando cenas de música e um pano de boca com magnífica paisagem bucólica, sendo tudo da autoria de José Filipe Porfírio. Os antigos candeeiros de petróleo e os candelabros de estearina foram (...) substituídos por um sistema especial de iluminação em acetilene, para o qual se construiu um gásómetro fabricado pela «Casa Rivière» de Lisboa, que muitas vezes o publicitou nas páginas dos jornais como sendo o melhor do país.

As honras da estreia couberam à Companhia de Teatro do Ginásio de Lisboa, dirigida pelo grande actor Valle, que nas quatro noites seguintes levou à cena as comédias «Sua Excelência» de Gervásio Lobato» «O Cão e o Gato» de Acácio de Paiva e Ernesto Rodrigues. «O Papa Léguas» e o «Pinto Calçudo» (...)

Em 1920 falecia D. Maria Victória de Matos Cúmano. (...) A partir daqui, nada voltaria a ser como dantes. O cinema estava na ordem do dia e tornava-se, cada vez mais, um concorrente praticamente imbatível. Por outro lado, escasseavam na Família Cúmano os recursos e disponibilidade para manter o teatro com a imponência e a qualidade artística de outrora. Mesmo assim em 1922, Constantino Cúmano (...) pretendeu reavivar a Sociedade Teatral de Faro.

(...) Dessa época merece especial referência a comédia «Moços e Velhos», levada à cena por aquela Sociedade a 21-2-1922.

Muito embora se tenham levado à cena algumas peças que a crítica da época acolheu com agrado, o certo é que em 1925 o Teatro Lethes encerrava novamente as suas portas. A

16-2-1927, a Empresa Revéz e Pádua estabeleceu com a Família Cúmano um contrato de exploração para exhibições cinematográficas, tentativa essa que fracassou três meses mais tarde embora durante um mês a Companhia Rafael de Oliveira ali tivesse efectuado algumas representações. Em 1931, o sr. Jaime Pires - grande impulsionador das actividades teatrais em quase todas as sociedades recreativas da cidade, (...) - celebrou com o Dr. Constantino Cúmano um contrato de aluguer do Teatro Lethes, mantendo-o, assim, em esporádica actividade até 1949. Nessa altura, o estado de conservação do edifício era já confrangedor. E, por incrível que pareça, as imprescindíveis obras de restauro tiveram que aguardar mais de 30 anos. Em 22-6-1951, a Família Cúmano vendeu o vetusto imóvel à Cruz Vermelha (...). Presentemente, o Teatro Lethes está alugado à Secretaria de Estado da Cultura, cuja Delegação de Faro o tem cedido graciosamente para a apresentação de peças teatrais, concertos musicais, espectáculos de ballet, sessões de cine-clube e outras manifestações de carácter cultural e recreativo (...)

(...) Podemos afirmar que neste século o Teatro Lethes esteve imperdoavelmente desactivado durante mais de cinquenta anos, o que (...), vem demonstrar o desinteresse e o fraco nível cultural da sociedade farense do nosso tempo. Os serões teatrais de outrora passaram à história e as famílias de hoje deleitam-se com qualquer telenovela brasileira. Deste modo, envelhece a cultura e maleficamente se instala a estupidez.

(...) Na década de quarenta, por influência da guerra e das dificuldades económicas daí resultantes, a actividade teatral na cidade de Faro reduziu-se quase a um completo silêncio. Nessa altura, tiveram um papel decisivo no ressurgimento das actividades artísticas, o Eng.<sup>o</sup> José Campos Corôa e o Dr. Joaquim Magalhães, aos quais se haveria de juntar pouco depois o médico oftalmologista Dr. Emílio Campos Corôa, verdadeira glória das artes dramáticas em Faro (...). Nessa altura, o recém-fundado Círculo Cultural de Camões (que anos depois viria a alterar a sua designação para Círculo Cultural do Algarve) transformou-se numa espécie de cadinho da renovação artística e literária da cidade, através da realização de recitais de poesia e música, conferências, colóquios, exposições, etc. Ali se reunia a fina flor da intelectualidade farense que tinha nos Drs. Francisco Fernandes Lopes, Joaquim Magalhães, José Neves Júnior, Lionel de Roulet e Mário Lyster Franco, os seus principais expoentes culturais. Deste grupo foi o Dr. Joaquim Magalhães quem mais se dedicou ao teatro, trabalhando afinadamente e durante mais de trinta anos na preparação dos espectáculos escolares realizados no Liceu de Faro. (...)

\* (Excertos de estudo publicado em 1987 pela Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura. Cuja leitura integral obviamente, se recomenda)